

A finança digitalizada: capitalismo financeiro e revolução informacional*

de Edemilson Paraná

Finanças digitalizadas e a especulação do tempo

Digitized finances and time speculation

por Patrick Rodrigues Andrade**

A finança digitalizada tem um objetivo geral aparentemente simples: demonstrar de que modo o avanço das tecnologias da informação e comunicação opera, por meio de um aparato tecno-logístico, como correia de transmissão da lógica de acumulação capitalista sob o domínio da “valorização financeira”.

A análise crítica dos objetivos e efeitos político-econômicos das medidas de liberalização, desregulamentação e descompartimentalização de mercados, implementadas na virada dos anos 1970-80 do século XX – durante o período que costuma ser lido como a alvorada do neoliberalismo – já se encontra razoavelmente estabelecida. Todavia, há toda uma história, ainda pouco explorada, das características e impactos de todo um complexo aparato tecno-logístico desenvolvido como base material da dominância das finanças sobre as demais formas de capital. Suprimir essa lacuna e articular analiticamente esses processos são as principais contribuições apresentadas por Edemilson Paraná, em *A finança digitalizada*, especialmente pelas reflexões sobre o avanço dessa dinâmica na formação social brasileira.

* Florianópolis: Insular, 2016.

** Doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Departamento de Economia da PUC-SP, São Paulo-SP, Brasil.
End. eletrônico: pkandrade@gmail.com

O desdobramento do complexo sociotécnico de suporte e mobilização do grande capital financeirizado opera, segundo Paraná, em pelo menos três dimensões: *i*) a compressão dos fluxos espaço-tempo (que rapidamente nos remete à *Condição pós-moderna* de David Harvey), nos quais circulam e se valorizam os capitais; *ii*) os consequentes desafios e dificuldades de regulação e controle dessa dinâmica pelos órgãos responsáveis diretamente pelo seu controle e gestão e, em sentido mais amplo, pelos próprios governos e sociedades; *iii*) a concentração dos mercados e dos players relevantes no sistema, bem como a centralização e a desregulamentação das praças financeiras mundializadas, sob a égide do grande capital internacional já digitalizado.

Para o autor, a *finança digitalizada* se apresenta como uma nova forma de gerir cadeias capitalistas globais, a partir da automação de operações bancário-financeiras realizadas por computadores potentes, softwares de alta precisão e centros de dados, em operação ininterrupta. Assim, o objetivo é ampliar as margens de exploração de ganhos financeiros, muitas vezes sem a intervenção humana direta.

Sem recurso a respostas fáceis, Paraná revisita parte da literatura já estabelecida sobre como o capital portador de juros foi alçado à posição de destaque frente aos demais capitais. Uma qualidade que rapidamente se destaca no texto é a combinação de uma análise sociológica rigorosa e a apresentação dos resultados da pesquisa em linguagem acessível (sem muito dos maneirismos abundantes na academia).

Desse modo, os resultados, muitos deles pouco conhecidos até mesmo por leitores especializados nas áreas de economia e ciências sociais, se revelam, às vezes de forma espantosa, aguçando questões relacionadas com a envergadura dos desafios do presente.

Diferentemente do “fascinante” mundo das finanças, vendido todo dia nos noticiários, a análise de Paraná ressalta como tem se tornado cada vez menos possível explicar adequadamente o funcionamento dos mercados financeiros sem uma discussão sobre sua dinâmica operacional, cada vez menos marcada pela presença do “fator humano” nas negociações. A descrição a seguir, que abre um dos capítulos do livro, nos coloca justamente nesse ambiente:

Quando pensamos em uma bolsa de valor, a primeira imagem que geralmente nos vem à cabeça é um aglomerado de indivíduos portando vários aparelhos telefônicos e, ao mesmo tempo, gritando compulsivamente uns com os outros a respeito de ordens de compra e venda de ações, enquanto olham ansiosos, com expressões de euforia ou pânico, para monitores que passam de modo veloz informações e cotações de preços. Essa imagem, praticamente uma metonímia

do capitalismo financeiro consagrada em coberturas fotográficas, televisivas e cinematográficas quase não existe mais. Em silêncio, o espaço físico das bolsas de valores, assim como os próprios indivíduos que antes gritavam no interior delas, tem pouco ou nenhuma função prática. As negociações agora ocorrem em potentes computadores e centros operados 24 horas por dia em várias partes do mundo (Paraná, 2016, p. 111).

Nesta história, ainda que economistas tentem se passar por protagonistas, como os supostos detentores dos saberes ocultos dos mercados, os personagens que mais sobressaem são matemáticos, astrofísicos, estatísticos. Por trás disso, o que se destaca é o desenho de algoritmos e estratégias de negociações automatizadas, realizadas em milissegundos por meio de sistemas computacionais.

Mas, afinal, que produto é esse que pode ser negociado sob o silêncio sepulcral do trânsito em alta velocidade de *bits* e *bytes*? A resposta mais imediata também é aparentemente simples, como releva um dos agentes entrevistado. Tratar-se-ia do “produto mais perecível que existe”: informação – numa frequência de operações dada em margens de micro e até nanossegundos.

A busca por meios mais velozes de rentabilizar capitais atrai e beneficia investidores de grandes volumes. A capacidade de receber e enviar o mais rápido possível esse produto altamente perecível, que é a informação, se torna um imperativo. A intensidade de processos de dados define a tônica da história. É essa busca que direciona o desenvolvimento de novas ferramentas e soluções para a realização de negociações automatizadas de alta velocidade e frequência.

Como mencionado, a análise de Paraná apresenta ainda um elemento pouco trabalhado no Brasil: um conjunto de entrevistas com operadores de mercados, gestores de grandes fundos, cientistas e empresários da área de tecnologia da informação etc. Dispondo de algumas pistas dadas por eles e pela análise do autor, o trabalho nos permite navegar para diversas direções.

A materialidade exposta pela pesquisa nos permite reconhecer como, por exemplo, o tempo se tornou um ativo extremamente rentável e passível de intensa exploração tecnológica e informacional; para além do excedente econômico explorado através do tempo de vida daqueles que vendem sua força de trabalho.

Assim como a mercadoria força de trabalho, o tempo talvez deva ser tratado também como um “ativo” *sui generis*. Ele não pode ser estocado e, portanto, deve ser constantemente (re)investido. Isso exige justamente uma diversificação de produtos financeiros, que são proporcionados justamente pela digitalização, em uma espécie de circuito autorreferente, para o qual o universo ao redor operaria como mero suporte à especulação.

Refletir sobre a especulação capitalista no tempo, ou, no limite, a especulação do próprio tempo, pode abrir a análise de uma série de implicações de ordem teórica e prática. Por exemplo, como construir alternativas políticas capazes de responder adequadamente, ainda dentro dos grandes marcos sociais impostos, a um capitalismo em que o *turnover* de alguns ramos do grande negócio chamado o capital se dá em questão de milissegundos? A composição de alianças com setores dominantes alijados desse processo é capaz de garantir força política para se contrapor a algumas das tendências provocadas pela dominância financeira? Não haveria relação entre essa base sócio-técnica e um certo ódio à democracia, cuja racionalidade reafirma o tempo privatizado como objeto de negociação sem mediações?

Essas últimas questões não são trabalhadas diretamente por Paraná, o que não é um limite, mas denotam justamente o perfil instigante do livro. A boa investigação não é aquela cujo resultado simplesmente responde a suas dúvidas e questões, o que não passaria de um manual. O bom livro é justamente aquele que nos leva a questionar um conjunto de questões aparentemente não relacionadas. Isso, sem dúvidas, é oferecido por *A finança digitalizada*.